



As práticas agroecológicas desenvolvidas no distrito de Pains, Santa Maria, RS.

João Silvano Zanon*
Carmen R. F. Wizniewsky**
Lucineia Lourenzi*
Kelly Perlin Cassol*
Magali Rambo Anschau*

Resumo: O trabalho busca compreender o processo produtivo da agricultura familiar agroecológica no Distrito Pains, Santa Maria, RS. Então, buscou-se apreender a importância da agricultura familiar como forma de valorização da comunidade local nos aspectos sociais, econômicos e ambientais. Além disso, procurou-se conhecer as mudanças ocorridas nas práticas agrícolas do Distrito Pains, destacando as práticas agrícolas alternativas sustentáveis e seus benefícios para a comunidade local. O trabalho apresenta uma abordagem metodológica qualitativa onde foram utilizadas como instrumentos de pesquisa as entrevistas que foram aplicadas aos sujeitos sociais envolvidos.

* Membros do do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (GEPET) da UFSM.

** Prof.^a Dr.^a do Depto. de Geociências da UFSM

Agroecological practices developed at Pains district, Santa Maria, RS.

Abstract: The study search to understand the production process of agroecological farming family in District Pains, Santa Maria, RS. Then, we sought to understand the importance of family farming as a way of valuing community in social, economic and environmental. Furthermore, we tried to meet the changes in agricultural practices District Pains, highlighting alternative farming practices and sustainable benefits to the local community. The paper presents a qualitative approach where they were used as instruments of research interviews that have been applied to social subjects involved.

Palavras-chave:

Agricultura Familiar
Agroecológica;
Sustentabilidade.

Key-Words:

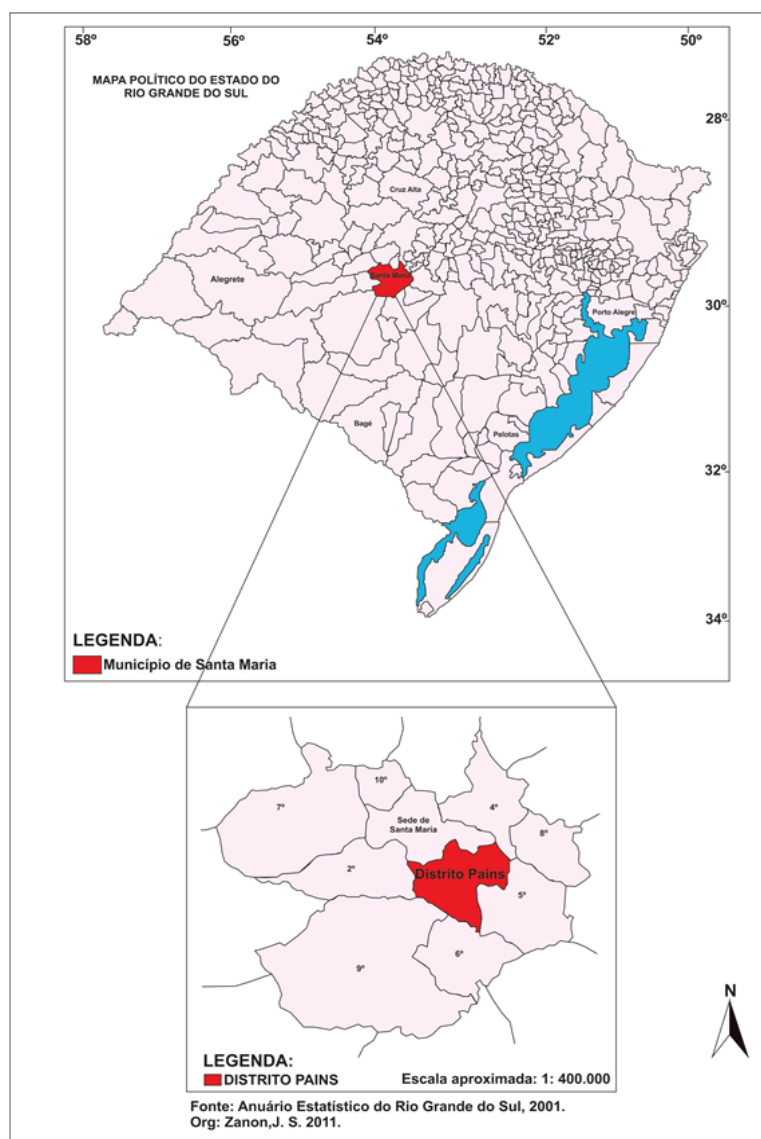
Family
Agriculture Agroecological;
Sustainability.

Introdução

Com uma área de 133,42 km² e uma população de 3.559 habitantes, o Distrito Pains é um distrito de Santa Maria. A pesquisa expressa neste artigo trata de uma investigação desenvolvida no Distrito de Pains, um dos dez distritos do município de Santa Maria, localizado na região central do estado do RS.

No referido Distrito, existe uma predominância de atividades primárias, tais atividades são desenvolvidas de forma convencional e também de forma agroecológica. Já, a modernização da agricultura também é notável no Distrito, uma vez que, esse processo acarretou profundas modificações no espaço rural em suas relações com os demais setores econômicos. A Figura 1 abaixo mostra a localização do município de Santa Maria e do Distrito de Pains.

Figura 1- Localização da área de estudo



O Distrito de Pains é eminentemente rural e nele predominam as pequenas e médias propriedades. Neste cenário, a agricultura familiar tem destaque devido à produção de hortigranjeiros, que abastecem as feiras e mercados na cidade. A área de estudo possui uma diversificada produção reconhecida localmente como agroecológica, merecendo

também destaque na produção de leite. Nos últimos anos, o Distrito de Pains se destacou na participação produtiva ligada a agricultura agroecológica, a agricultura convencional e o crescente surgimento de agroindústrias familiares ligadas à produção leiteira. A agricultura convencional patronal apresenta uma posição primária no cenário agrícola do distrito com relação à área plantada, sendo praticada em unidades de exploração superiores a 50 hectares, onde predomina a produção de soja transgênica e arroz no modelo convencional.

Como foco desta investigação, a agricultura familiar é desenvolvida no distrito, sendo praticada por famílias que retiram seu sustento da terra, e também como forma de se manter no campo, além de produzir alimentos para abastecer a cidade. Por isso, compreendemos que a agricultura familiar é importante para que tenhamos segurança alimentar no campo, busca por equidade social, ambiental e econômica, além da continuidade das práticas agrícolas sustentáveis.

O presente trabalho baseou-se em um estudo das formas de agricultura que os agricultores desenvolvem na perspectiva agroecológica no Distrito de Pains, Santa Maria, RS, trazendo para o enfoque de discussão as formas de produção que levam em conta os princípios do desenvolvimento rural sustentável e da Agroecologia. Também é de interesse conhecer como se dá o processo produtivo desses agricultores, identificando em que nível da transição agroecológica os agricultores se encontram.

Desenvolvimento

O trabalho teve como foco de investigação das práticas agroecológicas desenvolvidas no Distrito de Pains, na busca de uma maior sustentabilidade ambiental, social e econômica. O modelo produtivo do espaço em questão tem sofrido, nos últimos anos, fortes transformações no que se refere à produção agrícola, já que a agricultura convencional vem sendo responsável pelo empobrecimento de muitos agricultores familiares no Distrito Pains, Santa Maria, RS.

Assim, vê-se a necessidade de refletir sobre o problema que envolve a superação das crises na agricultura familiar e sua permanência na mesma. A pesquisa procura responder as seguintes questões: Como os agricultores que se consideram agroecológicos, desenvolvem suas atividades produtivas e qual o significado da agroecologia para suas vidas? Em que nível de transição agroecológica as unidades de exploração familiares em questão se apresentam?

De acordo com Gliessman (2000), podemos distinguir três níveis fundamentais no processo de transição ou conversão para agroecossistemas sustentáveis. O primeiro diz respeito ao incremento da eficiência das práticas convencionais para reduzir o uso e consumo de inputs externos caros, escassos e prejudiciais ao meio ambiente. O segundo nível da transição se refere à substituição de inputs e práticas convencionais por práticas alternativas. O terceiro e mais complexo nível da transição é representado pelo redesenho dos agroecossistemas, para que estes funcionem em base a um novo conjunto de processos ecológicos. Nesse caso, se buscaria eliminar as causas daqueles problemas que não foram resolvidos nos dois níveis anteriores. Em termos de investigação, já foram feitos bons trabalhos em relação à transição do primeiro ao segundo nível, porém estão recém começando os trabalhos para a transição ao terceiro nível.

Diante da problemática proposta, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender a importância da agroecologia para os agricultores familiares do Distrito Pains, Santa Maria, RS. Mais especificamente pretende-se: a) Identificar os sistemas produtivos e as estratégias de produção agroecológicas; e b) Identificar os níveis de transição agroecológica (Gliessman, 2000).

A fim de atender os objetivos propostos, a metodologia se baseou em uma abordagem qualitativa, com destaque na observação e entrevista semiestruturada, cujo planejamento se deu em diversas etapas. Fez-se primeiramente o levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, fazendo algumas reflexões acerca da agricultura familiar, o processo de modernização

da agricultura, o desenvolvimento rural sustentável e a agroecologia. Em um segundo momento, buscou-se junto à comunidade do Distrito de Pains, dados obtidos em trabalho de campo, que subsidiaram o desenvolvimento da pesquisa. O presente trabalho tratou de desenvolver uma série de reflexões as quais se referem aos benefícios da agricultura agroecológica, principalmente para os agricultores familiares, pois tais práticas agrícolas sustentáveis estão atualmente em processo de expansão devido ao agravamento dos problemas ambientais e ao debate proporcionado por instituições de educação agrícola que apoiam formas alternativas, reduzindo os custos de produção, produzindo alimentos saudáveis e preservando os recursos naturais.

Posteriormente, foram entrevistados seis agricultores agroecológicos no Distrito Pains, que foram informantes chave para a realização da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com seis agricultores agroecológicos e posteriormente transcritas. A última etapa foi constituída pela sistematização dos dados e informações coletadas, interpretação e análise para posterior geração de discussões e considerações referentes à pesquisa em questão.

Reflexões acerca da Agroecologia.

A partir do desenvolvimento das práticas agroecológicas de produção, os agricultores passam a preservar sua cultura local, conservando os recursos naturais e preservando a biodiversidade local, além de manter-se no campo garantindo o sustento de suas famílias.

Segundo Gliessman (2005, p.54).

A agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação.

Neste sentido, Aloísio (2004), afirma que para alcançar à sustentabilidade na agricultura familiar, as dimensões da questão ecológica devem estar presentes, pois a problemática em prol da sociedade sustentável vai além do processo produtivo, levando em conta os saberes sociais, políticos, econômicos, culturais e éticos. Surge então, a agroecologia como uma renovação dos sistemas agrícolas insustentáveis, com o objetivo de proporcionar mudanças socioculturais que resulta em uma agricultura realmente sustentável.

Conforme Gliessman (2005, p.52):

O termo “sustentabilidade”, por mais vago que seja, assume um papel aceito em nível geral, ou seja, onde não há controvérsias e sua aplicação pode servir aos mais variados contextos. A sustentabilidade é erguida em uma base ecológica, aceitando-se como ecológico aquilo que se tira de um sistema, sem interferir na capacidade de renovação do mesmo, de modo que “a sustentabilidade é alcançada através de práticas agrícolas alternativas, orientadas pelo conhecimento em profundidade dos processos ecológicos que ocorrem nas áreas produtivas e nos contextos mais amplos nas quais elas fazem parte”.

Partindo das técnicas propostas pela ciência agroecológica, os autores Caporal e Costabeber (2002), defendem o modelo agroecológico como um novo paradigma para promover o manejo adequado dos recursos naturais e ao mesmo tempo a redução dos impactos sociais, econômicos e ambientais negativos causados pela agricultura moderna.

O autor Gliessman (2000), diz que as técnicas pelas quais a agroecologia se apropria são importantes para que se ponha em funcionamento a agricultura sustentável.

Segundo Altieri, (1998, p. 17):

A emergência da agroecologia como uma nova e dinâmica ciência representa um enorme salto na direção certa. A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis.

Partindo do referencial teórico, verificamos que agricultores da área de estudo adotam algumas técnicas para chegar ao modelo agroecológico sustentável que são: a utilização de adubação orgânica, diversificação das atividades agrícolas, principalmente, para produzir alimentos saudáveis, voltado à subsistência familiar, a não utilização e/ou diminuição do uso de agrotóxicos, entre outros. Desta forma, irá se contemplar a valorização de um ambiente de harmonia entre sociedade e natureza. O bem estar do agricultor familiar, desfrutando de seus produtos é o diferencial para que a ciência agroecológica se sobressaia frente ao pacote tecnológico que é implantado atualmente no espaço rural brasileiro.

Sabe-se que a agricultura familiar também produz impactos nocivos, mas este é muito pequeno se comparado com a monocultura mecanizada, voltada em sua maioria para exportação. A agricultura familiar depende de uma menor quantidade de insumos externos, polui pouco o ambiente, gera emprego e renda para a sociedade, além de produzir alimentos saudáveis para a população. Por outro lado, a monocultura mecanizada voltada para a exportação se utiliza de grande uso de insumos externos, como, por exemplo, os agrotóxicos, sementes híbridas e transgênicas. Tais sistemas agrícolas são insustentáveis, pois demandam grandes quantidades de terras, de insumos externos, além de poluírem muito o meio ambiente.

Neste sentido, faz-se necessário, a busca por novos paradigmas que levem em conta a melhor distribuição de renda no campo, que busquem a segurança alimentar e que valorizem os saberes do agricultor. Conforme Leff (2002, p. 37):

Na terra onde se desenterrou a natureza e a cultura; neste território colonizado pelo mercado e pela tecnologia, a Agroecologia rememora os tempos em que o solo era suporte da vida e dos sentidos da existência, onde a terra era torrão e o cultivo era cultura; onde cada parcela tinha a singularidade que não só lhe outorgava uma localização geográfica e suas condições geofísicas e ecológicas, senão onde se assentavam identidades, onde os saberes se convertiam em habilidades e práticas para lavrar a terra e colher seus frutos.

Diante disto, a agroecologia busca a construção de outra realidade agrícola, construída pelos sujeitos sociais do campo, contrário ao processo de globalização capitalista centrada no lucro e na exploração, na busca de reverter o processo de exclusão dos agricultores desfavorecidos.

São os saberes e práticas agrícolas diárias que fazem com que os pequenos produtores rurais sobrevivam no campo, reproduzindo-se respeitando os fatores culturais, sociais, econômicos e ambientais. Conforme Leff (2002, p.45):

Os princípios da Agroecologia e o manejo integrado de recursos suscitam a possibilidade de construir uma economia mais equilibrada, justa e produtiva, fundada na diversidade biológica da natureza e na riqueza cultural dos povos da América Latina. As possibilidades que abre a Agroecologia para converter os recursos agrícolas e florestais em bases para o desenvolvimento e bem-estar das comunidades rurais aparecem, também, como um meio para a proteção efetiva da natureza, da biodiversidade e do equilíbrio ecológico do planeta.

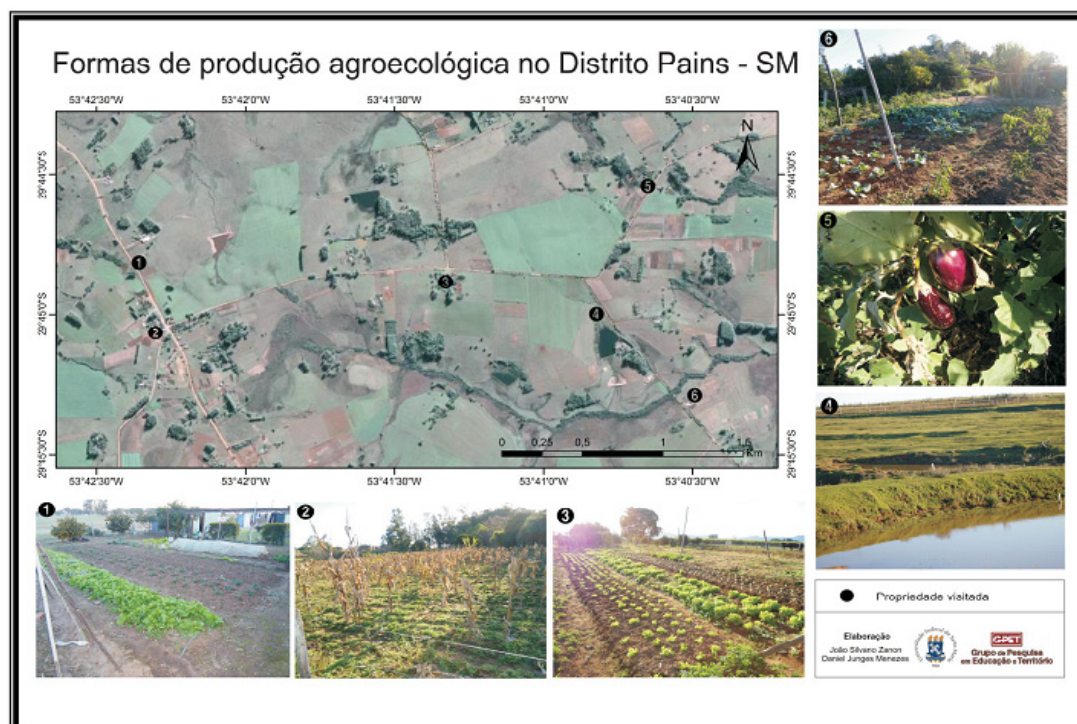
Nota-se então, a exigência da necessidade de promover formas de associações e investimentos que transfiram uma maior capacidade técnica e um maior potencial produtivo às próprias comunidades, através de processos de gestão que melhorem as condições de vida da população, que assegurem a sustentabilidade em longo prazo, dos processos produtivos e que aumentem, ao mesmo tempo, os excedentes comercializáveis (Leff, 2002).

É importante destacar a luta dos movimentos sociais do campo, como o MST (Movimento Sem Terra), os mesmos apresentam um estreito nexo com as técnicas de produção agroecológicas. A formulação de políticas para a construção de um ambiente rural deve incorporar a dimensão sociopolítica que considere a visão dos movimentos sociais e também a dimensão socioambiental, com alternativas para uma exploração controlada dos recursos naturais.

A agricultura familiar é uma das formas de produção e reprodução do espaço no Distrito Pains, e, no caso específico desta pesquisa, a ciência agroecológica foi importante na interpretação deste espaço.

Assim, no Distrito Pains, descreveu-se as práticas agroecológicas empregadas na produção familiar dos agricultores entrevistados. Como os mesmos conseguem prosperar na unidade de exploração familiar retirando dela o sustento de suas famílias e trabalhando de uma forma harmoniosa com o meio ambiente. Na Figura 2, encontram-se espacializadas as unidades de produção familiar entrevistadas que serviram como base do trabalho, são as unidades de produção familiar onde foram realizadas as entrevistas com agricultores agroecológicos do Distrito Pains.

Figura 2: Unidades de produção familiares entrevistadas.



Fonte: Trabalho de campo
Org: Zanon, J.

Foi possível observar que, entre os agricultores familiares entrevistados, os que desenvolvem as atividades agroecológicas, poucos possuem propriedades com mais de 50 hectares, produzindo, principalmente, hortifrutigranjeiros.

No Distrito Pains, as hortas familiares que produzem de forma agroecológica, cuja mão de obra é totalmente familiar, em tais cultivos as famílias utilizam apenas adubo orgânico, ou seja, insumos internos, e a produção é voltada, principalmente, para o consumo familiar.

Os agricultores familiares entrevistados citam que com 1 hectare de terra é suficiente para fazer uma horta, sendo que se aproveita o adubo provindo dos animais, bem como as sobras de matéria orgânica que a família produz diariamente nos resíduos domésticos. Segundo um agricultor entrevistado, este cita que possui criação de gado, então, o adubo provindo do gado é utilizado para adubar a horta. O mesmo produz as sementes e mudas de hortaliças para o plantio. A sua produção em hortifrutigranjeiros. Produz galinha e suíno para consumo familiar, bem como a venda do excedente em feiras e mercados da cidade.

O cultivo de hortaliças constitui-se em uma alternativa de renda para o agricultor familiar, uma vez que esta é uma garantia de remuneração periódica através da comercialização constante dos produtos obtidos na propriedade familiar. Além da produção para comercialização, também é voltado para o consumo familiar, garantindo produtos diversificados.

As hortas localizadas no Distrito de Pains, apesar de pequenas, em sua maioria, produzem uma grande variedade de produtos, sendo que os agricultores pretendem aumentar a área de plantio, visando principalmente, à comercialização da produção nas feiras da cidade. As hortas familiares visitadas durante o trabalho de campo, segundo os agricultores, são produtoras de hortaliças que são consumidas principalmente pelas famílias entrevistadas, ou seja, são hortas pequenas e com produção reduzida. Quanto à produção comercializada em feiras e mercados da cidade, estas se desenvolvem em áreas maiores e com uma maior assistência técnica.

O Distrito de Pains é também uma importante bacia leiteira de Santa Maria, e, durante o trabalho de campo, destaca-se que, muitas propriedades se ocupam desta atividade, sendo que em algumas destas propriedades vê-se também a existência da criação de abelhas (apicultura), e também da criação de alevinos (piscicultura). Em sua maior parte, tais propriedades possuem em média 30 hectares, onde se produz leite, gado de corte, soja, e as atividades agroecológicas, como forma de complementação da renda familiar, servindo também para o consumo da família.

Os agricultores familiares entrevistados no Distrito de Pains produzem de forma diversificada, possuindo propriedades de aproximadamente 20 hectares, onde produzem tanto para o autoconsumo e para a venda do excedente no mercado localizado no Distrito de Pains, além de comercializar nas feiras da cidade de Santa Maria, a exemplo da feira da Universidade, localizada entre a faixa nova e faixa velha de Camobí, bem como na Feira da Coesperança. No decorrer da entrevista, o entrevistado da foto nº 6 cita que a maioria dos compradores na feira preferem os produtos agroecológicos, por serem mais saudáveis.

A produção do entrevistado nº 6 é bem variada, sendo que o mesmo possui uma propriedade equivalente a aproximadamente quatro hectares, produzindo nesta uma diversidade de produtos. Segundo este entrevistado, as perspectivas para o futuro são boas, pois os mesmos possuem a certeza de que estão produzindo produtos de qualidade, e o mais importante, contribuindo para uma diminuição da degradação ambiental. A unidade de produção familiar também conta com assistência técnica de agrônomos, facilitando bastante nas técnicas produtivas. A produção agroecológica da família se desenvolve com muitos cuidados para que se produza com qualidade, sendo que a terra é lavrada, logo após é colocado o adubo orgânico. Após esta etapa, as mudas produzidas são plantadas e cuidadas para que cresçam de forma saudável, para posteriormente serem comercializadas nas feiras de Santa Maria.

Verifica-se que, fazendo uma relação entre as 6 propriedades agroecológicas entrevistadas, pode-se inferir que há diferença em produzir entre estas propriedades. Existe a predominância da produção buscando eficiência das práticas convencionais para reduzir o

uso e consumo de inputs externos caros e escassos, bem como agricultores familiares que produzem de forma agroecológica variando, em uma mesma propriedade, com o cultivo na sua forma convencional.

Verifica-se então, que o Distrito de Pains encontra-se em uma posição secundária com relação a sua produção Agroecológica, pois nas propriedades acima de 50 hectares encontramos uma produção convencional, onde a base desta agricultura está no cultivo da soja.

Os agricultores familiares entrevistados na pesquisa sentem falta de políticas voltadas ao auxílio e desenvolvimento da agricultura familiar. Então, partindo da evolução das políticas públicas relacionadas à agricultura familiar, podemos ver que há uma predominância ao descaso das autoridades, pois houve poucas políticas efetivas que valorizassem a agricultura familiar em sua totalidade.

Conclusões

O trabalho foi de extrema importância, pois analisando a agricultura familiar, com enfoque nas práticas da agricultura sustentável, bem como o enfoque de técnicas agroecológicas. Com o desenvolvimento do trabalho, percebeu-se a grande aceitação por parte dos agricultores familiares entrevistados na utilização das práticas agroecológicas, pois os mesmos consideram que a agricultura convencional produz alimentos prejudiciais a saúde e que, com a agricultura convencional os custos da produção se tornam elevados, estes dois fatores são de suma relevância, na visão dos mesmos, os levando a substituírem as práticas agrícolas convencionais por práticas alternativas. Nas propriedades entrevistadas, nota-se que a agricultura orgânica é bastante utilizada, ou seja, os agricultores usam a adubação proveniente do “esterco” de animais ao invés de utilizar a adubação química. Os agricultores citam que diversificam ao máximo a produção na propriedade familiar, exatamente para diminuir os gastos com a compra de alimentos, pois, segundo eles, nota-se um aumento dos preços dos produtos da cesta básica, principalmente nos supermercados.

Verifica-se também que a diversidade produtiva liga-se ao cultivo de hortaliças e da fruticultura. Ambas abastecem, com seus produtos, o mercado local e tem apresentado crescimento, através da implantação de pomares, hortas comunitárias, hortas caseiras ou mesmo aquelas hortas e pomares voltados à comercialização nas grandes redes de supermercados. Destacam-se, também, as lavouras de feijão, de milho e aipim como lavouras de autoconsumo, que abastecem as famílias produtoras, vendendo apenas o excedente.

A partir das entrevistas realizadas, verifica-se que as famílias encontram-se no primeiro estágio agroecológico, no qual cita Gliessman, 2000, neste estágio, as propriedades passam a substituir práticas agrícolas convencionais por práticas alternativas, ou seja, a substituição de insumos externos depredadores por outras mais benignas sob o ponto de vista ecológico.

Nota-se, no decorrer das entrevistas, que há no Distrito Pains, uma preocupação em preservar o meio ambiente para que este seja desfrutado pelas gerações futuras. A compreensão de que a agricultura mecanizada é nociva tanto ao meio ambiente quanto a saúde da população é sabida pela maioria dos agricultores entrevistados. Por isso, nota-se que muitos agricultores no Pains estão diversificando a produção e produzindo de forma agroecológica, melhorando sua qualidade de vida.

Os agricultores familiares entrevistados no Distrito Pains se utilizam, em suas atividades agrícolas, principalmente de mão de obra familiar e insumos internos, fazendo com que os custos produtivos se tornem baixos, assim podem retirar um lucro para manter a família no campo e ao mesmo tempo conseguir investir em financiamentos para auxílio na continuidade produtiva.

Referências

ALENCAR, M. T. de; MENEZES, A. V. C. de. Ação do Estado na produção do espaço rural: Transformações territoriais. In: **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v.3, n.5, p.113-133, fev.2009. Disponível em: <<http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/>>. Acessado em 24 de fev. de 2010.

ALMEIDA, J. A problemática do desenvolvimento sustentável. In: BECKER, D. F. (org.). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997. p. 17-26.

ALTIERI, M. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, 110p. (Síntese Universitária, 54).

ALTIERI, M. **Vertientes del pensamiento agroecológico: fundamentos y aplicaciones**. Medellín (Colombia): Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología (SOCLA), 2009.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento Rural Sustentável: perspectivas para uma Nova Extensão Rural**. Porto Alegre, v.1, n1, jan./mar.2002.

CARNEIRO, M. J. Agricultores familiares e pluriatividade: tipologias e políticas. In: COSTA, L. F. de C.; MOREIRA, R. J.; BRUNO, R. (Org.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro/RG: Ed. Mauad, 1999. p. 325 – 344.

CORTEZ, F. P. **Pluriatividade e o estado da arte da agricultura familiar no município de Morro Redondo, RS**. 2006. 131f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

DAMASCENO, M. N. **Educação e Escola no Campo**. Campinas.SP. Papyrus,1993.

DAVID, C. de. Agricultura familiar em assentamentos rurais: contribuições à dinâmica regional do sul do estado do Rio Grande do Sul. In: MARAFON, G. J.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano**. Uberlândia/MG: Assis Editora, 2008. p. 15 – 38.

DELGADO, G. da. C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1985.

GARCIA RAMON. M. D. *et al.* **Geografia rural**. Madrid, Editorial Síntesis, 1995.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000.

GONÇALVES NETO, W. **Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960-1980**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

GRAZIANO DA SILVA. J. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo: HUCITEC, 1981. 210 p. (Economia & Planejamento. Série “Teses e Pesquisas”).

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3
p. 7-16, set./dez. 2013

Zanon, J.S.; Wizniewsky,
C.R.F.; Lourenzi, L.; Cassol,
K.P.; Anschau, M.R.

GUZMÁN, E. S. Origen, evolución y perspectivas del desarrollo rural sostenible. In **Tecnología y desarrollo rural sostenible**. 18 a 22 de septiembre de 1995. Porto Alegre: UFRGS. p. 1 – 11.

HILLING, C. **A cidadania e a racionalidade técnica burocrática nas estratégias de apropriação do PRONAF pelos agricultores familiares**. 2008. 170 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: editora Cortez, 2001.

LEFF, E. Agroecologia e Saber Ambiental. **Revista Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. V. 3, n.1, Porto Alegre: Emater, jul/set. 2002.

MARAFON, G. J. O trabalho de campo como um instrumento de trabalho para o investigador em geografia agrária. In: RAMIRES, Julio César de L.; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar (orgs). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia/MG: Ed. Assis, 2009. p. 379 - 394.

OLIVEIRA, A. U. de. Agricultura e indústria no Brasil. In: **Boletim Paulista de Geografia**. nº 58, São Paulo: AGB, set./1981, p.5 – 64.

RUSCHEINSKY, A. **Sustentabilidade: uma paixão em movimento**. Porto Alegre: Sulina, 2004. 181p.

SEVILLA GUZMÁN, E. **El marco teórico de la agroecología**. Córdoba: ISEC/Universidad de Córdoba, 1995.

SILVA, E. S. O. da; MARAFON, G. J. Comercialização e subordinação da agricultura familiar no estado do Rio de Janeiro: o exemplo do circuito produtivo do tomate no município de São José de Ubá. In: MARAFON, Gláucio José; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (orgs). **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano**. Uberlândia/MG: Assis Editora, 2008. p. 75 – 104.

TEDESCO, J. C. **Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. 331p.

TEIXEIRA, J. C.; NAGABE, F. Identidades locais, PRONAF e turismo no espaço rural: apontamentos sobre a realidade de Campo Mourão. In: **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v.5, n.9, p. 112-146, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/>>. Acessado em 31 de maio de 2010

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (org.). **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. Passo Fundo, 1999. p. 21-56.

Correspondência:

João Silvano Zanon

E-mail: silvanoz94@hotmail.com

Recebido em 06 de março de 2013.

Revisado pelo autor em 28 de maio de 2013.

Aceito para publicação em 30 de maio de 2013.